

Edição 7
Fev 2022

Journal Aurora





Jornal Aurora

Centro Espírita Luz e Verdade - CELV

R. Comendador Roseira, 09 - Prado Velho,
Curitiba - PR

CEP: 80215-210

Tel.: (41) 3234-2161

Grade de atividades do CELV

Segunda-feira

14h30min - Evangelho no lar online

19h - Estudo online

Quarta-Feira

20h - Estudo mediúnico online

Quinta-Feira

20h - Live

Domingo

9h30min - Áudios

9h45min - Palestras presenciais

9h30min - Estudo Luz e Verdade (Juventude)



Jornal Aurora

Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz - SEMP

R. Engenheiros Rebouças, 2519 - Rebouças,
Curitiba - PR

CEP: 80230-040

Tel.: (41) 3023-8523

Grade de atividades do SEMP

Segunda-feira

15h - EADE*

18h30min - Mocidade (Produção
para o Instagram)

Terça-Feira

15h - Evangelho segundo o
espiritismo

15h - ESDE** TOMO I

15h - Obras Kardequianas

19h30min - ESDE TOMO II

20h - Estudo mediúnico online

Quarta-Feira

20h - ESDE TOMO único

Quinta-Feira

15h - Teoria da mediunidade

19h - Evangelho segundo o
espiritismo

19h - Evangelização infantil

20h - Evangelho de Jesus

Sábado

14h - Ensaio do coral

14h - ESDE TOMO II

*EADE (Estudo Avançado da Doutrina Espírita)

**ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita)



A vida sobre rodas na cidade

O 11º Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável delineado pela Organização das Nações Unidas (ONU) aborda cidades e comunidades sustentáveis. Um de seus tópicos prevê o aumento da urbanização inclusiva e sustentável até o ano de 2030. No Brasil, segundo o censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), aproximadamente 24% da população nacional apresenta algum tipo de deficiência, sendo dentro dessas uma parcela considerável relacionada a impactos na mobilidade e percepção do ambiente.

A urbanização brasileira, que ocorreu de forma não uniforme ao longo do surgimento e desenvolvimento dos estados e municípios, nem sempre levou em consideração aspectos como acessibilidade no desenvolvimento de áreas comuns e de alto tráfego. E atualmente, mesmo após a definição de diretrizes como a NBR 9050 de 1985 (e suas novas edições posteriores), é possível facilmente identificar espaços e situações onde a pessoa com deficiência não possui alternativas ou experimenta dificuldades com o que é oferecido para auxílio na locomoção.

Deficiência Visual

Por definição, deficiência visual envolve a perda ou redução da capacidade visual em ambos os olhos, de forma que não pode ser melhorada ou corrigida com o uso de lentes, tratamento clínico ou cirúrgico. Dentro dos variados graus de visão, é considerado como deficiência visual os níveis abrangidos entre o que é denominado "baixa visão" até a cegueira total. A baixa visão ocorre quando o campo de visão do indivíduo é restrito e prejudicado, podendo distinguir apenas claridade e vultos, além de pequenos objetos próximos.

Atualmente já existem diversas tecnologias assistivas destinadas a proporcionar mobilidade e independência para pessoas com algum tipo de deficiência. Dentre as pessoas com deficiência visual, a mais comum é o uso de bengalas. Elas servem para identificação de trajetos e superfícies, bem como de obstáculos a serem evitados. Aliado a isso está o piso tátil, uma forma de revestimento utilizado para indicar caminhos a serem percorridos, por possuírem relevos diferentes da superfície em que foram instalados.

Outro fato importante no deslocamento de pessoas com deficiência visual é o uso de cães-guia. Esses animais são treinados de forma a estarem sempre acompanhando seus tutores auxiliando no deslocamento e até em atividades cotidianas.

O braille é um sistema de escrita tátil, muito importante para a assimilação de informações por pessoas cegas ou com baixa visão. Ele deve estar presente em locais públicos onde uma informação ou interação necessária deve ser relatada ao cidadão. Como exemplo temos os botões de elevadores, com a numeração dos andares escrita em braille.

Numa cidade acessível, essas tecnologias devem sempre ser levadas em consideração quando projetados os lugares públicos de alto tráfego. Questões ergonômicas, de interfaces e sinalizações precisam considerar usuários com deficiência que utilizem ou não algumas dessas tecnologias.

Cadeirantes - o caso de Parintins, no interior do Amazonas

Em 1988, a nova Constituição da República traz em seu primeiro artigo o princípio fundamental da dignidade da pessoa humana, que hospeda o direito de inserir de forma integral na sociedade às pessoas com deficiência. A partir desta, surgiram leis que visam aumentar os direitos de acessibilidade às pessoas com deficiência.

De acordo com o censo do IBGE (2010), 24% da população disse ter algum tipo de deficiência, ou seja, 45 milhões de brasileiros. Deste número, mais de quatro milhões declararam ter problemas motores severos. Em muitos casos a pessoa tem mais de uma deficiência. Acessibilidade consiste em assegurar espaços que proporcionem acesso seguro a todas as pessoas, permitindo a prática absoluta da cidadania pela participação ativa de todos os indivíduos, tornando fácil o acesso a todos os lugares.

Em um levantamento sobre acessibilidade na cidade de Parintins, interior do estado do Amazonas, feito pela graduanda em Geografia na Universidade do Estado do Amazonas, Isaiana Farias Sicsú ressalta



Jornal Aurora

que: uma cidade que promove acessibilidade garante uma vida autônoma, segura, com liberdade, lazer e melhores condições a todos os cidadãos, independente das limitações. O estudo que procura entender a realidade dos cadeirantes em Parintins, é resultado de diálogos informais com cadeirantes e seus acompanhantes.

Ao circular pelas ruas da cidade percebe-se que na maioria delas encontram-se situações de insegurança, com diferentes obstáculos impedindo o trânsito com segurança e autonomia das pessoas com deficiência. Lixeiras, lixo, jardins, elevações das calçadas, vendas informais e buracos são alguns exemplos dos impedimentos enfrentados. Muitas ruas, tanto do centro quanto dos bairros, são preenchidas pelo comércio que usam as calçadas como local de demonstração e consumo de produtos, o que acaba impossibilitando o tráfego de pedestres.

Há também a presença de muitas construções, sendo diversas delas sem fiscalização pública. Mesmo que muitos moradores tenham conhecimento que a calçada é de uso reservado aos pedestres, acabam fazendo jardins e extensões em suas casas sem deixar espaço para calçadas, além do uso de caçambas e deposição de material da obra nos caminhos destinados aos pedestres.

Por causa da falta de acessibilidade nas ruas, os cadeirantes acabam optando por não sair de casa para evitar transtornos relacionados a seu deslocamento na cidade. Acessibilidade vai além da construção de rampas e o rebaixamento das calçadas. Ela abrange outras áreas como a comunicação, ensino, trabalho, lazer etc. O ambiente sendo acessível, principalmente ao cadeirante, proporciona a ele um sentimento de independência, motivação e inclusão na sociedade.

As normas vigentes para acessibilidade

Em relação às normas vigentes para viabilizar maior acessibilidade, nos últimos anos pode perceber-se um maior enfoque em estabelecer meios de classificação e medidas para criar um ambiente seguro para todos os usuários.

No ano de 2001, o lançamento da "Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde" (CIF) divulgada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) permitiu unificar a identificação de deficiências e suas devidas implicações. Isso gerou

uma melhora na qualidade dos atendimentos médicos e, dessa forma, uma efetividade para com meios necessários de assistência. Cabe mencionar, por exemplo, a revisão realizada no ano de 2020 pela Associação Brasileira de Normas Técnicas da Norma Brasileira número 9050, intitulada "Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos", instruindo para a melhora das condições de mobilidade. Essa norma especifica critérios para uma maior autonomia à pessoa com deficiência, citando por exemplo medidas específicas que devem ser realizadas em áreas de circulação de ambientes fechados, larguras de corredores, ângulos de rampas, acabamento de pisos, necessidade de barras de apoio para as mãos em determinados acessos, sinalização de degraus, limites para fechamento de portas em banheiros (balizamento) e faixas de acesso. Outra medida implementada foi a criação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) no ano de 2015, que promove por meio de artigos, a seguridade e promoção de igualdade para pessoas com deficiência - sendo estabelecido, assim, o capacitismo - discriminação e preconceito social - como um crime de ódio.

Entretanto, a realidade mostra-se ainda desafiadora e com avanços tímidos. De forma que, a dificuldade de deslocamento nas calçadas e ambientes públicos das cidades é banalizada. Tal impeditivo torna a mobilidade uma questão recorrente no debate político e no cotidiano dos habitantes, implicando em maiores desigualdades e riscos à saúde humana.

O descaso em espaços urbanos

Mesmo com normas, convenções e até campanhas de conscientização, uma simples volta pelas ruas das cidades brasileiras é suficiente para identificar problemáticas na configuração urbana. Independentemente de características econômicas, sociais e condições como relevo e interferências naturais das cidades, a identificação de pontos onde a acessibilidade é deixada de lado, ou mal implantada é uma constante.

As imagens a seguir foram registradas durante uma caminhada rápida, com o intuito de identificar e compreender situações de dificuldade, gerando a reflexão sobre a dimensão dessa problemática.



Jornal Aurora



Lixeira impedindo a passagem em calçada estreita.



Piso tátil com interrupção brusca por degrau.



Calçada danificada.



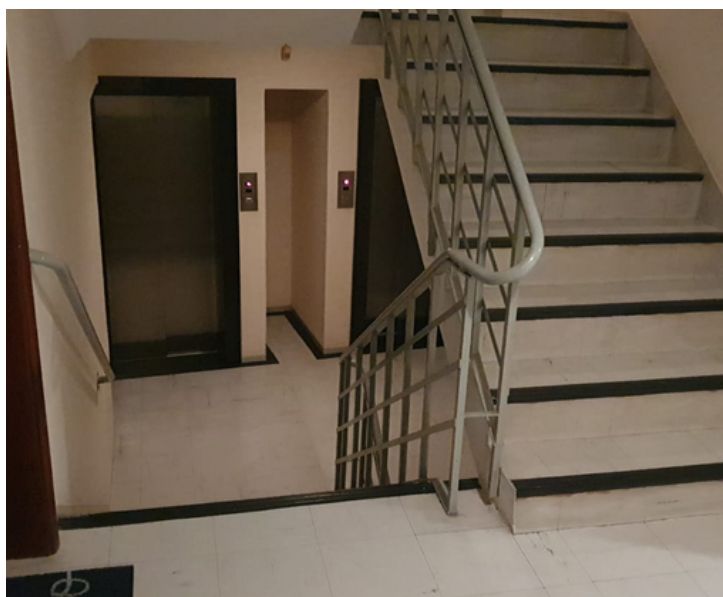
Calçada com interrupção por grama.



Jornal Aurora

As más condições apresentadas nesses pontos da cidade fazem com que pessoas com deficiência acabem utilizando de forma perigosa outras vias, destinadas a bicicletas, e veículos motorizados. Esse risco desnecessário se torna mais um desafio dentro do complexo sistema de transportes dentro de uma cidade.

Porém, não são apenas os espaços públicos abertos que apresentam problemas. Edifícios residenciais e corporativos, que contam diariamente com grande fluxo de pessoas, também são locais de fácil identificação de problemas. E esses problemas não resultam apenas da não implementação de acessibilidade, mas da execução errônea de projetos como rampas, escadas e elevadores. As imagens a seguir contextualizam esses casos.



Elevador seguido por lances de escadas.

Esses descasos influenciam principalmente na autonomia da pessoa com deficiência. Um edifício onde o elevador (acessível) para em determinado andar em que o acesso a andares superiores só se dá por meio de escadas é um exemplo de aplicação de acessibilidade superficial ou incompleta. Já as rampas com grau de inclinação elevados geram uma falsa sensação de acessibilidade, já que um cadeirante precisaria de no mínimo um acompanhante para transpor o que se torna um obstáculo.



Rampa com grau de inclinação elevado.

É facilmente compreensível como a temática de acessibilidade precisa ainda de muita conscientização coletiva e de ações pelo setor público e privado.

O Desenho Universal

Uma mobilidade acessível tem que levar em consideração todos aqueles que precisam dela. Há inúmeros casos em que o local ou produto foi pensado para atender somente a um determinado grupo de pessoas com deficiência. É nesse momento que o Desenho Universal entra em prática. O Desenho Universal é um conceito novo dentro da concepção de formação das cidades que, aproveitado na produção de espaços ou de produtos, permite a igualdade no seu emprego por todos, tanto pelas pessoas com diferentes deficiências quanto às pessoas com mobilidade reduzida temporariamente.

Segundo o decreto Federal nº 5.296/04, Art. 8º, Inciso IX, Desenho Universal é a concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo



Jornal Aurora

nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade.

O Desenho Universal vai além da anulação de barreiras. Trata-se de evitar a demanda de produção de áreas ou elementos especiais para atender públicos diferentes. Esta definição de público usuário como sendo todos inclui não apenas o coletivo numérico, mas, principalmente, o imenso conjunto de características dos seres humanos: altos, baixos, obesos, idosos, crianças, gestantes e, também, pessoas com deficiências diversas.

Um dos grandes conflitos de se executar este conceito, na atualidade, é o desconhecimento técnico sobre essa temática ilustrando o importante papel das universidades, dos centros de formação técnica e dos institutos de pesquisa. O que o Desenho Universal quer transmitir é a transformação do cotidiano das pessoas por meio da construção de uma cidade igualitária.

Ainda com todos os avanços que o Desenho Universal proporciona, há interversões isoladas que beneficiam pessoas com deficiência, pois enquanto este método não é cem por cento implementado a população com deficiência ou mobilidade reduzida necessita de autonomia, sendo assim essas mediações necessárias para a mobilidade urbana.



Rampa de acesso próxima a vaga destinada a PCD.

Uma oportunidade de ajudar

O que para alguns é considerado lixo, para outros é uma oportunidade de ajudar. Juntando lacres de latinhas e levando aos lugares certos temos como trocá-los por novas cadeiras de rodas que são destinadas ao uso de pacientes do Hospital Erasto Gaertner de Curitiba. A coleta é feita na Rede Feminina de Combate ao Câncer, mais conhecida como Casa Rosa, a qual divide o terreno com o hospital oncológico Erasto Gaertner e o pediátrico Erastinho. Nenhuma quantia de lacres é pequena demais, vale a pena comunicar a comunidade e conseguir juntos maiores quantidades, sabendo o destino de algo que iria ser descartado, e resultando em ajuda à comunidade.



Cadeira de rodas comprada através da doação de lacres.

Quem somos nós

A publicação "A vida sobre rodas na cidade" é resultado da pesquisa realizada por Caio Zanolla, Eduardo Serraglio, Luíze Jordan e Mayane Oliveira, discentes do curso Design de Produto na Universidade Federal do Paraná, durante a disciplina optativa 'Design Ativismo' no ano de 2022.



A inclusão nos Centros Espíritas

Texto adaptado de Marco Branco (2012); Silvia Jaras (2021) e site: espirita.info, acesso 08.02.22; site: União Espírita Mineira (UEM), acesso 08.02.22. Por: Elaine Nunes Jordan.

Na visão espírita, as deficiências são dádivas, instrumentos de evolução, o caminho que nos possibilita reequilibrar as nossas energias.

No livro “Deficiente Mental: por que fui um?”, de 1998, psicografado por Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho, nos mostra vários relatos de diferentes espíritos que nasceram ou ficaram deficientes ao longo da vida. Segue um dos comentários:

“Temos muitas oportunidades de voltar à Terra em corpos diferentes e que são adequados para o nosso aprendizado necessário. Quando há muito abuso, há o desequilíbrio, e para ter novamente o equilíbrio, tem de haver a recuperação. Quando se danifica o corpo perfeito, podemos, por aprendizado, tê-lo com anormalidades para aprender a dar valor a essa grande oportunidade que é viver por período sem um corpo de carne. O acaso não existe, Deus não nos castiga, somos o que fizemos por merecer, e as dificuldades que temos encarnados são lições preciosas”.

Para o espiritismo, a deficiência é a descoberta de novas sensibilidades, virtudes e capacidades que estavam adormecidas em nós. É também um teste à nossa coragem e uma forma mais espontânea e simples de ser e estar na vida, valorizando os aspectos mais positivos e fazendo uma crítica construtiva dos nossos gestos errados.

Considerando o aspecto doutrinário e entendendo que o acesso aos Centros Espíritas deve ser para todos, coloca-se aqui a falta de inclusão, a qual limita frequentadores devido a ausência de aparatos adequados a sua necessidade de acesso e compreensão das mensagens trazidas.

E para que os problemas sejam encarados como desafio e a possibilidade de uma segunda chance de nos aperfeiçoarmos, às relações humanas, precisam considerar a inclusão no todo, na compreensão da doutrina, mas também na possibilidade de acessos de comunicação, circulação, enfim de poder chegar e sair dos Centros Espíritas, sem dificuldade e sem meras adaptações, proporcionando conforto e tranquilidade para o público em geral.

Diante disso, é preciso sim adaptar, reformar, implementar condições de acessibilidade seguindo a Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT 9050:2020, a qual estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quanto ao projeto, construção, instalação e adaptação do meio urbano e rural, e de edificações as condições de acessibilidade.

Os Centros Espíritas devem acolher de forma igualitária tanto na acessibilidade arquitetônica que relaciona os acessos e compartimentos, como comunicacional, que minimiza as barreiras na comunicação interpessoal e escrita, quanto a digital a de acesso físico, de equipamentos e programas adequados, de conteúdo e apresentação da informação em formatos alternativos.

A exclusão social não é somente da sociedade, mas do excluído, que ser for de um espírito fraco, ficará distante de tudo e de todos e poderá perder oportunidade de interagir, aprender e evoluir. E se souber que o Centro Espírita instalou os recursos para que promovam a sua independência de ir e vir, vão naturalmente se encaminhar para esses locais.

A inclusão possibilita mais confiança, interação e integração, e o que se ganha é valioso para enfrentar as contrariedades, desenvolvendo inteligência e mais otimismo no progresso.

A diferença humana não está no exterior ou na deficiência, mas sim na personalidade dos indivíduos. Os espíritos que excluem são espíritos pouco evoluídos e que precisam de muita ajuda e de tempo para lidar com a diferença do seu semelhante. Isto só é possível se ambos os indivíduos quiserem conviver diretamente, aceitando-se e repetindo-se mutuamente.

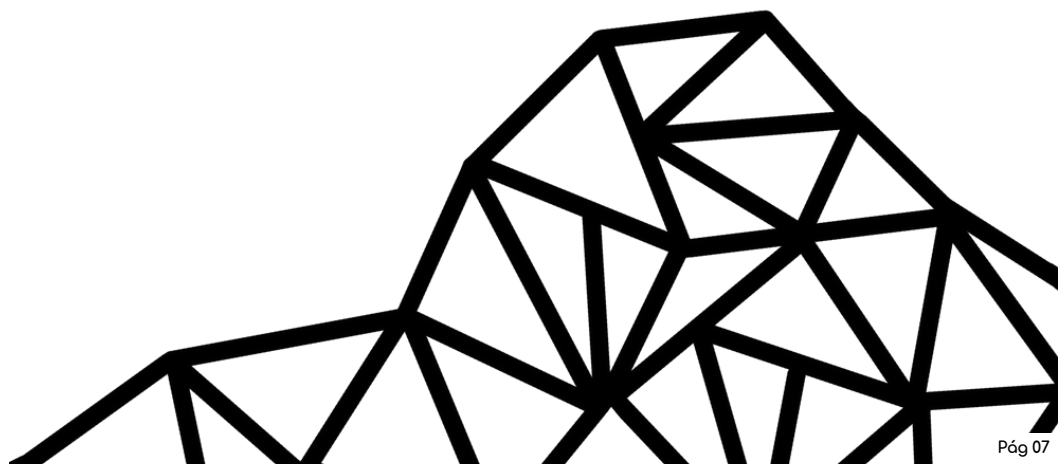
Precisamos evoluir para o bem e não encarmos a deficiência como uma fatalidade ou como o fim da vida e sim como uma grande oportunidade de rever conceitos, vencer limitações, pois Deus nos trata com justiça e equidade.



Jornal Aurora

Vamos garantir um ambiente de muita oração, muita vibração positiva, buscando a fé em Deus para cumprir a missão e fazer que a reencarnação seja redentora. O que fazer? Buscar ajuda em Centros Espíritas e Instituições que estejam preparadas para nos ajudar e orientar a desenvolver projetos de acessibilidade na sua ampla definição que possibilitem o verdadeiro auxílio, visando realmente amparar e consolar quem quer que necessite, conforme estabelece a doutrina.

Fica aqui o recado para que os Centros Espíritas se preparem para inclusão, das mais diversas formas.





Um conto sem fim (parte 3 e 4)

Autoras: Eliane Alves da Silva e Laís Viera Trevisan

— Calma, Fabi!!! Tem outras iguais a nós aqui, somos parecidas. Acho que isso é o que chamam de reciclagem – Disse ela, numa calma que não fazia sentido para mim.

— Tá, mas o que vai acontecer?? Para onde você vai? Não quero ficar sozinha!!!

— Calma Fabi, eu completei a minha missão. A reciclagem é um processo, vou voltar, eu creio, não sei como, mas acredito em vida após a reciclagem.

Entre lágrimas me separei da Grazzi. A moça foi andando, andando e ficando cada vez mais longe. Estava confusa... o que aconteceria comigo? Será que existe vida após a reciclagem? Eu confesso que não sabia o que esperar, só gostaria de rever a minha amiga.

Fiquei tão triste que nem percebi para onde a moça estava me levando, até que chegamos em algum lugar. Não reconhecia e não estava interessada... de repente, a moça me colocou em um local iluminado, depois ficou escuro e frio.

Dentro dele havia outras como eu e a Grazzi, de diversos formatos e tamanhos, com essências líquidas e sólidas. Eu estava angustiada e ninguém conversava comigo... dormi chorando.

Após algum tempo, a moça apareceu, acho que já era outro dia. Ela me pegou e me colocou numa bolsa. Será que eu iria ver a Grazzi? Será que eu também iria para aquele grande cesto vermelho? Eu estava cheia de essência, tinha certeza de que não era a minha hora.

Uf... Não é por nada não, mas dessa vez estavam me chacoalhando... fiquei até tonta! Quando consegui abrir os olhos, parecia o lugar em que conheci a Grazzi, mas era ao ar livre.

De repente, a bolsa abre, a moça me pega, sinto que vou explodir!!! Tudo estava rodando... acho que foi metade da minha essência, mas não me sentia nada leve, na verdade, sentia um vazio... Com mais 3 goles, a moça bebeu toda a minha essência e me colocou na bolsa novamente. Não achei nada confortável essa experiência... eu estava vazia, qual seria o meu fim?

Enquanto refletia angustiada sobre meu futuro, a moça me pegou novamente. Ela andou muito, conversando com os amigos, até que me deixou num cesto. Mas não era igual ao da Grazzi, era marrom, estava cheio de "coisas" bem diferentes de mim.

Na verdade, estava bem lotado, fiquei por cima, quase caindo... gritei para a moça, mas ela se distanciava mais e mais... Como ela pôde fazer isso comigo? Que lugar era aquele? Eu vou para o lixão? Muitas dúvidas surgiam, enquanto ela desaparecia da minha visão.

Nesse instante, senti um vento muito forte... voei, que sensação de liberdade... por um momento pensei "É a reciclagem?", mas foi tão rápido... de repente, "poft". Que chão duro... nunca tinha caído... confesso que foi uma das piores sensações da minha vida.

Fiquei ali por um tempo, simplesmente ninguém me percebia, eu era um nada. O movimento foi diminuindo, o dia foi escurecendo, era o fim...

Não sei se dormi ou se simplesmente me desliguei, mas acordei com um barulho, era gente mexendo no cesto, pegando as outras coisas. Entendi nada disso, os humanos não comprem tudo novo e depois jogam fora? O que aquelas pessoas faziam ali?

E foi então que eu vi... estavam procurando comida. E, de certa forma, encontraram. Sentaram-se perto de mim, eram silenciosos e não tão sorridentes quanto a moça e os amigos dela. Pensei "Será que vão me colocar no cesto?" Nada... foram embora e eu fiquei ali.

Passaram alguns dias, eu estava tão cansada e triste que parece que o céu se compadeceu comigo e com o meu humor, escureceu e fez muito barulho... tanto que até fiquei com medo.

Nisso, o vento veio com força e me jogou longe! Começou a cair água, mas muita água mesmo, parecia que estavam enchendo o lugar. Dito e feito, logo comecei a flutuar... eu e um monte de outras coisas começamos a seguir um fluxo sem direção.

No caminho encontrei carros sem humanos, estavam jogados, pensei "será que não colocaram eles nos cestos direito?".



Jornal Aurora

Fiquei flutuando por algumas horas até chegar em um rio, acho que é esse o nome que ouvi os humanos chamarem ele na faculdade. Porém, não era nada “sustentável” como eu pensava, na verdade, ele fedia...

Nesse momento, havia um pouco de água dentro de mim, não era limpa como minha essência, mas já fazia parte de mim. No rio, encontrei de tudo, até outras amigas.

— Quem são vocês? – Perguntei curiosa.

— Meu nome é Cola, é o que me lembro, perdi minha faixa... Depois que beberam a minha essência, simplesmente me jogaram no chão e agora eu estou aqui.

— Eu sou a Fabi. Fizeram a mesma coisa comigo!! – Respondi, tentando puxar assunto.

Foi então que a coisa mais estranha passou pela gente, não sei explicar como parecia, só sei que era muito comunicativo.

— Olá! Eu sou o Zé Copo! Acho que a gente vai para o mar. Eu não queria parar lá, já fui reciclado duas vezes, que final triste! – Disse o ser falante.

— Reciclado? Você disse reciclado? Existe vida após a reciclagem? – Perguntei curiosa.

— Sim!!! Eu era igual a você, até que me jogaram num cesto vermelho e voltei à vida novamente. Minha primeira essência era água, depois foi refrigerante e, nessa última vez, voltei totalmente diferente, fiquei vazio até me encherem de água e beberem, mas me jogaram no chão e agora estou todo amado e rasgado – Disse ele, desolado.

Então a Grazi estava certa, existe vida após a reciclagem! Mas seria ela somente para os escolhidos? Ir para o mar não é a mesma coisa que ir para o lixão? O que será de mim? O que eu fiz para merecer isso? Eu cumpri minha missão, eu matei a sede da moça!

Passaram alguns dias até chegar ao mar, sensação estranha... parecia que eu conhecia aquele lugar. No entanto, a sensação de paz e pertencimento não durou muito. O Zé Copo foi comido!!! Literalmente! Fiquei horrorizada, vi um peixe grande comer ele... nem deu tempo de me despedir.

Eu e a Cola, tristes, amedrontadas e sem opção, seguimos pelas águas. Enquanto isso, fiquei pensando “são tantos os caminhos... a vida é bem mais do que cumprir apenas uma missão, parece que temos várias, cada uma com um aprendizado”. De repente Cola se enroscou em um animal:

— Estou presa! Não consigo sair daqui! Me ajuda!!!

— Disse ela desesperada.

Juro que usei todas as minhas forças! Não consegui. Veio uma onda muito forte e me jogou para longe, fiquei cheia de água salgada e afundei... só ouvia os gritos da Cola cada vez mais distantes.

Fui afundando, afundando, até chegar em um monte de areia, nas profundezas do mar. Pensei “aqui é o fim... onde vou passar meus 400 anos, como o professor falou”.

Não tenho ideia de quanto tempo se passou, vi muita coisa, umas iguais a mim, outros seres totalmente diferentes.

Até que um dia o céu escureceu de novo, ele realmente parecia combinar com os meus sentimentos... o mar se agitou intensamente, posso dizer que foi muito mais forte do que quando eu estava na bolsa da moça e ainda com a minha essência.

A força do mar era tão grande que saí do fundo dele e fui para a superfície. Fui chacoalhada por muito tempo, até cansar, acho que desmaiei.

Acordei em um lugar lindo, mas logo percebi que não era o fim, havia humanos, muitos humanos. Um deles me pegou. Ele era muito pequeno, nem falava direito. Pensei “para onde eu iria agora?”.

— Mamãe, brinquedo! – Disse o menino.

— Não filho, é uma garrafa, dá aqui para a mãe, vamos levar para casa, tenho planos para ela – Disse a moça.

Que sensação estranha... aquela moça era familiar.

Cheguei em algum lugar, me deram um banho... Nossa, que sensação maravilhosa! Tiraram o resto da minha faixa que, aliás, estava destruída. Mais uma vez tive a sensação de conhecer aquela moça, mas já havia passado por tanta coisa, não tinha forças para questionar.

Após o banho me colocaram em um balcão e lá havia outra igual a mim. Depois de tanto bom tempo sozinha, ter alguém para conversar seria ótimo!

— Oi Fabi! Como você demorou! Como você está?

— Grazi? Grazi? Grazi, é você?

— Sim!! Sou eu! – Respondeu a “nova Grazi”.

— Mas você está tão diferente!! Só a reconheci pela voz! – Disse eu, muito feliz por reencontrar a velha amiga!

— É que eu fui reciclada... desde que a gente se separou, já fui reciclada quatro vezes, daí a gente vai mudando. Mas você não mudou nada... por onde andou? – Perguntou ela.

Contei toda a minha história, os momentos difíceis, os novos amigos, as impressões que tive disso tudo.



Jornal Aurora

— Pois é, as coisas são bem mais complexas do que eu havia imaginado. Também aprendi muitas coisas nessas idas e vindas. Percebi que nem tudo funciona como deveria ser. Os humanos acertam, mas também erram. Sabe quem é essa moça? É a mesma que nos comprou.

— O quê??!! Como??!! Ela está tão diferente! E parece que ela se multiplicou, esse pequeno humano é parecido com ela... Mas uma coisa eu não entendo, parece que foi ontem que tudo isso aconteceu!

— Pois é, amiga... O tempo é diferente para todos nós, embora eu esteja praticamente nova, e você, apesar de tudo o que passou, permanece a mesma, com os humanos é diferente. Eles se fragmentam em pequenos pedaços e estes vão crescendo e gerando novos humanos. Porém, os primeiros vão passando por um processo, chamam de envelhecimento... e vão indo até morrer, ou seja, desaparecer.

— Não dá para reciclá-los? Sabe, eu achava que os humanos não desapareciam, eram eternos, nunca vi nenhum deles no lixo.

— Não, eles desaparecem bem antes da gente. Só para ter uma ideia, já se passaram quatro anos desde a minha primeira reciclagem. Eu e você estamos intactas, mas a moça está envelhecendo e com certeza ela irá desaparecer antes da gente.

— Que estranho... e agora? O que vai acontecer com a gente?

— Não faço ideia, mas acho que não vai ser reciclagem, já estou aqui faz alguns dias.

— Espero que não nos joguem no mar... foi terrível para mim.

E realmente, se passaram alguns longos dias. No entanto, foram dias tranquilos, eu estava feliz, recuperei minha grande amiga e, como sempre, tínhamos muito assunto. Até que certa vez, a moça chegou com um monte de objetos e nos colocou numa mesa.

— O que vai acontecer com a gente? – Perguntei para a Grazi, assustada.

— Acho que vamos passar por uma transformação. Aconteça o que acontecer, fique calma. Talvez ela vai nos desmontar e nos dar uma outra forma. – Respondeu Grazi, tentando passar tranquilidade, mas senti certa apreensão.

— Certo, amiga! Vamos passar por isso juntas!

Foram longas horas, a moça me recortou inteira, fiquei em pedaços, a Grazi também. Depois, num estranho ritual, ela foi nos juntando, nos unindo, até que viramos uma só.

— Pois é, as coisas são bem mais complexas do que eu havia imaginado. Também aprendi muitas coisas. Não éramos uma garrafa, estávamos diferentes.

— Fabi, você está bem? – Perguntou a Grazi.

— Um pouco estranha. O que ela fez com a gente? Estamos parecendo uma bolsa!

— Acho que foi um processo de reciclagem diferente, ela nos fundiu e nos transformou em um outro objeto. Parece que agora vamos ficar juntas para sempre – Explicou Grazi.

É surreal ser reciclada, nunca havia imaginado algo assim. E agora tenho certeza que nunca mais vou me separar da minha melhor amiga. Ainda assim, restava uma dúvida... qual seria a essência de uma bolsa?

Eu e a Grazi ficamos alguns dias em cima do balcão discutindo esse assunto, perguntas sobre a nossa nova missão não faltavam. Certo dia, a moça nos pegou e fomos com ela até um lugar chamado supermercado.

Chegamos lá e o lugar era igual ao que eu e a Grazi nos encontramos pela primeira vez. Que momento! Quantas recordações!!!

A moça começou a caminhar e parar várias vezes, colocando algo dentro de nós, até que chegaram outras iguais a mim e a Grazi quando éramos mais jovens. Estavam muito assustadas e inquietas. Não paravam de fazer perguntas. Senti pena delas, pois lembrei que já havia passado por isso e os destinos que elas poderiam seguir.

— Então é por isso que nos contou toda essa história? Quer que saibamos o que nos espera após esse local? – Uma delas interrompeu.

— Sim, enquanto a moça foi nos preenchendo pelo supermercado, eu contei essa longa história para alertar vocês do que pode acontecer – Resendi.

— Pois eu preferia não saber, você e a Grazi se encontraram novamente, mas eu e a Cristalina não sabemos e não temos escolha, são os humanos que decidem sempre.

Grazi teve que intervir:

— Fiquem tranquilas, a moça que está levando vocês vai ajudá-las a cumprir suas missões e dar o destino correto. Ela está mais madura agora, terminou a faculdade, tem um filho, com certeza ela pensa no futuro que quer deixar para ele.

E assim, com maior tranquilidade, fomos obedientes em direção ao caixa.

— Você quer sacola plástica? – Um rapaz perguntou.



Alfazema ou Lavanda

Texto adaptado de Tatiana Zanin 2001; Eliza Biazi 2003; site: Complicitá Perfumaria, acesso 08.02.22; site: InfoEscola, acesso 08.02.22.



Lavandula angustifolia.

Ilustração: Franz Eugen Köhler, Köhler's Medizinal-Pflanzen [Public domain]

O nome científico “*Lavandula angustifolia*” são arbustos pertencentes ao gênero *Lavandula*. São plantas de pequeno porte, perpétuas e podem ser classificadas em anuais e subarbustos. Com suas flores de um azul brilhante, perfumadíssimas, rica em óleo volátil, a alfazema encanta e faz amigos de todo mundo. Popularmente elas são conhecidas também como nardo e espicanardo. O chá das flores é muito usado no combate à dor de cabeça e nevralgias. É indicada ainda nos casos de insônia e nervosismo. Problemas digestivos e o mau hálito são aliviados com o uso desse chá agradável e perfumado.

Originária da Europa, o seu cultivo é realizado através de sementes, especialmente das montanhas e da região do Mediterrâneo, usado pelos gregos e romanos para seus banhos, a higiene das roupas, transformando ambientes, eliminando aromas desagradáveis de residências e vias públicas.

Medicinalmente a alfazema é fitoterápica, através do óleo essencial que sai do caule. E das flores é extraído um néctar que depois é convertido em um mel de alto valor qualitativo.

Terapeuticamente ela tem propriedades antiespasmódicas, antimicrobianas, cicatrizantes, elimina os gases intestinais, atua como excitante do sistema circulatório periférico, expulsa os insetos, é antidepressivo, calmante, diurético, combate o reumatismo, a asma, a sudorese, as convulsões, as dores, as tosse, entre outros.

COMO USAR

Chá de Alfazema:

- Colocar 10g de flores de alfazema;
- 1 litro de água fervente;
- Numa panela, quando a água estiver fervendo adicione as flores de Alfazema e deixar em infusão por 5 minutos, coar e beber.

Banho de Alfazema:

- Colocar 50g de flores de alfazema;
- Deixar repousar por 30 minutos e coar;
- Utilizar esta água durante o banho;
- Se preferir, 6 – 7 gotas de óleo essencial da planta.

CURIOSIDADE

Muitas pessoas pensam que o aroma da lavanda vem das flores, porém o aroma é extraído das folhas.



Jornal Aurora

Jornal Aurora última edição, surge o Podcast Aurora

Autores: Elaine Nunes Jordan e Vitor Augusto Diniz

Em 2020, eu e o estudante de Jornalismo Vitor Augusto Diniz, nosso colaborador do Grupo da Juventude do CELV, conversamos durante dias vislumbrando a melhor forma de ampliar a divulgação da doutrina espírita, a ideia foi criar um Jornal online, o qual também poderia ser impresso, o mesmo deveria levar de forma simples os conceitos da doutrina, e também o que se faz num Centro Espírita, suas atividades, seus colaboradores, visando envolver e mostrar para o maior número de pessoas o dia a dia da doutrina espírita. Definimos uma equipe e através de votação, foi escolhido o nome: "Jornal Aurora". Foram 6 edições, com entrevistas, resenhas de livros, charges, poemas, artigos diversos e até de sustentabilidade, tudo com base nas obras da codificação espírita e obras complementares. Considerando que tudo se transforma e se atualiza, aproveitamos a edição de número 7, para nos despedir do "Jornal Aurora" porque surge o Podcast Aurora, outra maneira de divulgar a doutrina.

Com objetivo de fazer a transição de um produto para outro, trazemos aqui algumas informações pertinentes ao leitor, e vale ressaltar que o jornal se limita somente a um produto informativo, enquanto que o podcast pode ser um produto de informação, mas também pode se enquadrar como entretenimento. O podcast é feito em áudio e vídeo, algo já bem conhecido da juventude e quem sabe ainda novidade para parte do público master.

Estamos em fase de testes organizando e planejando o lançamento do primeiro Podcast Aurora, o nome será mantido, o mesmo deve ocorrer em breve através do Canal do You Tube do CELV. Para atingirmos a qualidade que nosso público merece, alguns itens precisam ser devidamente alinhados.

Considerando que o podcast é atemporal, e será ouvido em diferentes horários, ele precisa ter uma linguagem que o ouvinte não se sinta desatualizado, a mensagem deve ter sentido hoje, amanhã, e daqui a 2 anos. O roteiro precisa ter um mínimo de tempo, mas também não pode ultrapassar o limite do ouvinte, o ideal seria 30 minutos, não esquecendo de que o ouvinte quer perceber um bate papo dos apresentadores e não apenas leitura de um texto. O conteúdo pode ser transmitido ao vivo, mas ficará gravado na plataforma do You Tube, para que as pessoas acompanhem em diferentes épocas.

É recomendado que se tenha no máximo três pessoas num podcast, geralmente o entrevistador e dois entrevistados ou dois entrevistadores e um entrevistado. É importante que o entrevistado tenha prática em falar em público, para que o ouvinte presencie clareza, transparência no que está sendo dito, como também um conteúdo confiável. A linguagem do podcast deve ser simples, mas não simplória. O público da internet é diverso, o podcast pode ser ouvido por pessoas de diferentes formações e deve ser entendido por todos.

Agradecemos aos leitores e à todos que apoiaram o desenvolvimento das edições do Jornal Aurora. O Podcast Aurora vem para renovar e ampliar a divulgação da doutrina. Aguardem...!!!!



Jornal Aurora



<https://www.facebook.com/centroespiritalluzeverdadecelvpr>



<https://www.instagram.com/centroespirita.celv/>



<https://www.youtube.com/user/celvluzeverdade>



elainecelv@gmail.com

www.luzeverdade.org.br

